

## O MUSSEQUE DE LUUANDA E O CORTIÇO DE ALUÍSIO AZEVEDO

---

### THE MUSSEQUE OF LUUANDA AND THE CORTIÇO OF ALUÍSIO AZEVEDO

Alexandre da Silva Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo promove uma reflexão acerca dos cortiços e musseques que ambientam, respectivamente, o enredo dos textos: “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos”, de José Luandino Vieira, e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, com o objetivo de buscar uma leitura de algumas práticas culturais que organizam e estruturam a segregação em pessoas residentes desses locais, e sofrem com isso variados tipos de preconceitos no Rio de Janeiro de 1890 a 1910, como também em Angola, de 1961 a 1964. Com efeito, um estudo de cunho bibliográfico foi realizado em amparo em teóricos da Literatura Angolana, Brasileira e História Cultural. Todos esses visam proporcionar o suporte necessário para um estudo interdisciplinar envolvendo o conhecimento histórico e literário no intuito de contribuir com a sistematização de estudos africanos e literários em uma perspectiva histórica.

**PALAVRAS CHAVE:** Literatura Africana, Luuanda, O cortiço.

**ABSTRACT:** The present article promotes a reflection about the tenements and murseques that set forth, respectively, the plot of the texts: "Vavó Xixi and his grandson Zeca Santos", by José Luandino Vieira, and *O cortiço*, by Aluísio Azevedo, with the purpose of searching a reading of some cultural practices that organize and structure the segregation in people residing in these places, and suffer with this varied types of prejudices in Rio de Janeiro from 1890 to 1910, as well as in Angola, from 1961 to 1964. In fact, a study of literature was carried out in support of Angolan, Brazilian and Cultural History theorists. All of these are intended to provide the necessary support for an interdisciplinary study involving historical and literary knowledge in order to contribute to the systematization of African and literary studies, from a historical perspective. Key words: African Literature, Luuanda, The tenement.

**KEYWORD:** African Literature, Luuanda, O cortiço.

Um escritor de ficção desempenha uma função que vai além daquela que registra na escrita as emoções mais abstratas. Uma vez passadas ao papel é o eco de vários discursos que refletem uma época, um momento individual e coletivo, mesmo considerando a variada tipologia de gêneros literários. Assim, escritores e obras realizadas são produtos de contextos, espaços culturais e sociais específicos. Desse modo, as práticas discursivas de um texto de natureza ficcional podem revelar-nos pistas de uma complexa rede de interações de uma sociedade e fazer representações da existência.

Sendo assim, este artigo tem como proposta estabelecer um estudo reflexivo de dois espaços urbanos que são caracterizados, entre outras coisas, pela segregação social a partir da

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestrando em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: alexandresantosp@gmail.com.



descrição realizada no conto “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos”, do livro *Luuanda*, de Luandino Vieira de 2006 e no romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, de 2010.<sup>2</sup>

Visa compreender como o mecanismo de exclusão gera preconceitos entre as pessoas, os grupos sociais que transitam no enredo das duas narrativas. Para começo de análise, consiste em um primeiro momento a observação geográfica, dos cortiços e musseques, que são locais onde residem as pessoas mais pobres de uma cidade em oposição à classe média ou rica que vivem em residências e até bairros planejados. Essa divisão é realizada pelas condições financeiras, cor de pele, educação, nacionalidade, gerando em segundo instante de compreensão o preconceito como principal dinâmica de discriminação.

Dessa forma, as fronteiras a serem observadas neste estudo percorrem as observações acadêmicas já realizadas entre história e literatura, como fomento do espaço de debate e reflexões acerca dos locais citados. Em relação a essas observações, as que serão verificadas iniciam-se a partir de Gabriela de Lima Grecco, em *História e Literatura: entre narrativas literárias e histórias, análises do conceito de representação*, de 2015, haja vista a teórica entender que o texto literário também é uma fonte histórica, porque “(...) é visto como um bom observatório das representações de uma determinada sociedade e época.” (GRECCO, 2015, p.122).

Logo, esta discussão será desenvolvida em diálogo interdisciplinar, pois há compreensão de que esse recurso auxilia no entendimento da organização e estrutura da realidade que o texto literário encerra tanto na sua respectiva natureza ficcional, quanto nas informações extratextuais que ele utiliza para constituir aquele pacto entre leitor e leitura.

Nesse sentido, o discurso elaborado por José Luandino Vieira em um dos seus principais trabalhos, *Luuanda*, apresenta cenários africanos marcados por profundas transformações culturais, sociais e políticas no período de 1960 até 1974, momento em que Angola vivenciou conflitos armados que visavam a independência política de Portugal.

Diante disso, a produção desse autor está inserida em espaços que possuem como características as experiências de populações autóctones a partir da Segunda Guerra Mundial, em um período que foi marcado por rápidas mudanças políticas e que seguiram o fluxo dos movimentos de independências africanas, não somente em Angola.

Assim, a escrita de Luandino surge como valioso testemunho histórico sobre o processo de independência angolano e de rompimento dos laços com a metrópole portuguesa. O contexto revolucionário, que teve como início o conflito armado no ano de 1961, e

---

<sup>2</sup> *Luuanda* foi publicado pela primeira vez em 1963, em Lisboa, pela editora Edições 70. O cortiço foi publicado pela primeira vez em 1890 pela editora B.L Garnier.



transformou o cotidiano das populações coloniais angolanas, além de ter sido decisivo até a independência do país em 1974, contribuindo com as mudanças no espaço urbano dos musseques de Luanda,

Paralelo a isso, o romance de Azevedo (2010) também desempenha a função de tirar realizar uma leitura do espaço urbano do Rio de Janeiro do final do século XIX, e revelar as mazelas oriundas de transformações do regime político e econômico brasileiro. Elas resultaram em uma mudança do perímetro urbano em contexto de transição do período Regencial para a República e com o fim da escravidão, em campo oficial.

Destarte, os dois textos aqui a serem usados funcionam como uma transcrição de uma parte da realidade e ao observamos isso em Luanda, em um período de resistência frente à Portugal, visando a independência política. No romance de Aluísio de Azevedo, a representação de um Rio de Janeiro que apresentava uma sociedade que estava se reorganizando por conta da inserção de ex-escravos negros como trabalhadores assalariados livres.

Nisso, podemos perceber a denúncia da exploração econômica e a violência contra o ser humano mediante o estado de pobreza em que as pessoas que residem nesses locais vivenciavam, de um lado, e o devido ao preconceito, de outro.

Por isso, uma leitura mais atenta desses textos direciona a interpretação de contextos que são marcados por interesses econômicos e que se organizam e estruturam a partir de práticas culturais que legitimam a segregação social, como o observado nos enredos dos livros de Azevedo (2010) e Vieira (2006) já mencionados.

Diante disso, este estudo concentra a sua linha de raciocínio na assertiva de Moura (2009, p. 22), cujo relato sobre a pressão do espaço urbano passa por uma superpopulação decorrente de migrações externas e internas para fins de preenchimento de uma necessidade de mão de obra para o comércio, na passagem do século XIX para o XX (marcando – se a primeira metade em alguns países africanos). O teórico ainda parte da premissa que esse cenário deve-se à falta de habitações decentes, baratas e condições precárias de estrutura sanitária para aqueles que eram vistos como problemas para o desenvolvimento do mercado industrial.

Logo, espera-se que o tema proposto contribua com os estudos africanos e interdisciplinares no que tange o texto literário e o histórico, no tocante às práticas culturais que ajudaram a materializar uma identidade de segregação do musseques e cortiços ao longo do período mencionado.



## MATERIAL E MÉTODO

O estudo em *Luuanda*, de Luandino Vieira (2006) expõe a existência de bairros periféricos que são o cenário da pobreza e desigualdades sociais em que trabalhadores livre não qualificados estão inseridos. Diante disso, a narrativa de Vieira revela a busca por um sonho, por um ideal que entra em conflito com a segregação que aquelas pessoas vivenciavam, como Zeca Santos que ao procurar trabalho e fazer o relato para a avó de uma recusa, conta que o empregador “...estava-me gritar eu era filho de terrorista, ia-me pôr uma queixa, não tinha mais comida para bandidos, não tinha mais fiado” (VIEIRA, 2006, p.16).

Com efeito, essa passagem é uma das oriundas do conto que conduziu a leitura ao entendimento da História de um tempo na leitura de alguns contextos, eventos e cenários sociais que informam sobre os musseques de Luanda no período de 1961 a 1964, como uma fonte que informa sobre a dinâmica e organização da realidade, marcada pelo cotidiano nos musseques, revelando a face da violência, exclusão e sofrimento do povo no período da guerra pela conquista da liberdade daquele país. Essa compreensão sedimenta o mundo literário criado pelo autor.

Diante do exposto, essa apreensão orientou a leitura para as renovadas abordagens em história cultural no que tange à proposta de Le Goff (1990) em “história da mentalidade”, por entender que o teórico leva o historiador e o crítico da literatura a lidar com subjetividades e simbolismos aparentemente contrários à objetividade esperada da manipulação de documentos e de factualidades menos escorregadios.

Em outras palavras, para que o trabalho pudesse ser realizado, a partir do texto literário, foi o mesmo entendido como fonte de conhecimento, seguindo os passos de Le Goff (1990) que orienta ser preciso reconhecer a singularidade do objeto (os documentos literários e artísticos). Após isso, o tecido textual se revelou em variantes interpretações, possibilitando leituras de um tempo religioso, histórico, simbólico, mental, cultural, social dos objetos de estudos: os musseques e os cortiços. Nesse contexto, enveredamos na abordagem cultural do social dos musseques e cortiços.

Destarte, direcionou – se este estudo nos vestígios investigados dos estudos africanos em diálogo com a perspectiva da História Cultural, Pós-colonial e da Literatura. Todos eles irão promover uma conexão metodológica com as perspectivas da micro-história de Angola, em meados dos anos de 1961 a 1964, no tocante aos indivíduos envolvidos com membros do Movimento pela Libertação de Angola – MPLA.



Nisso, utilizou-se como fonte o livro de contos intitulado *Luuanda*, de José Luandino Vieira, publicado em 2006 no Brasil e em 1963, na Angola, em específico o texto “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos” e o romance “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, de 1890, como parâmetro de comparação para a compreensão de uma estrutura de práticas culturais do cenário da segregação.

Mediante o exposto, após uma leitura das singularidades de *Luuanda* e do romance de Azevedo (2010), foi possível realizar uma pesquisa bibliográfica, utilizando a técnica dos fichamentos, em um primeiro momento, para depois reunir os dados coletados e produzir este artigo, em um segundo trajeto desta redação científica, com o objetivo utilizar argumentos coerentes a respeito do objetivo de investigação: as práticas culturais de segregação existentes nos cortiços e musseques angolanos.

### **OS MUSSEQUES E OS CORTIÇOS**

Em uma cidade, especialmente no espaço destinado ao ser humano ordinário, constrói-se um conglomerado de interesses políticos e sociais que deixam a vida urbana muito mais movimentada, seja pelo reflexo negativo do desenvolvimento econômico, seja pela propagação de sonhos e desejos de crescimento na qualidade vida de indivíduos que ali residem.

Partindo dessa premissa, podemos entender tanto os musseques que constituem o espaço urbano de segregação no período das lutas pela independência das nações africanas frente às europeias, quanto os cortiços que foram levantados nas últimas décadas dos anos de 1800, estes que funcionavam como “quilombos urbanos”, segundo Chalhoub (1996). Um exemplo disso é representado pelo trajeto da personagem Bertoleza, que na escuridão da taverna de José Romão, continua sendo escrava, coisificada para o sexo e explorada pelo dono do cortiço.

Por sua vez, no conto de Luandino, há a comparação com uma senzala quando diante de uma chuva “...saiu um grande trovão em cima do musseque, tremendo as fracas paredes de pau-a-pique e despregando madeiras, papelões, luandos...” (VIEIRA, 2006, p. 12), transformando o espaço inundado por uma prisão de lama. Descrições como essas ou do cotidiano em atividades comerciais, segundo Macedo (2008), tem como propósito perturbar as feições portuguesas em um tempo marcado por conflitos armados. Em suma, o musseque de Luandino e o cortiço de Azevedo desempenham o papel de denúncia social.



Assim, quando os elementos que constituem um texto de ficção são utilizados como fontes históricas para se atentar às práticas culturais de um tempo de uma comunidade, podemos perceber o alcance de sentidos que o texto literário possa obter, e isso tem despertado um crescente interesse entre investigadores da área dos estudos africanos. Especificamente, no campo da História Cultural e Pós-coloniais pela ótica da Literatura, haja vista a temática revelar-se um caminho promissor para uma análise crítica das relações culturais que levaram a compreender a exclusão como preconceito.

Nesse sentido, os musseques e os cortiços revelam-se espaços em que se observam experiências de segregação, como os cenários culturais criados em *Luuanda*, isto é, o personagem Zeca Santos ou Garrido faz parte de um ambiente de indivíduos subjugados para uma área compreendida como fora da cidade de Luanda. Uma situação que corrobora o descrito ocorre quando Zeca Santos vai procurar Souto e pede um trabalho no posto de gasolina, o branco dirige – se ao menino de maneira cordial e rindo, menciona que para o filho de João Ferreira, um dos homens que lutavam contra o regime português, haveria de ter tudo que fosse preciso.

Porém, quando Souto foi ao armazém, Zeca se distraiu olhando para o medidor da bomba de gasolina, comparando-as com do posto da Baixa. Para a surpresa do garoto, quando o dono do posto volta do local onde estava, observa o menino e acha que este estava roubando. O filho do militante teve de fugir dali ouvindo gritos e acusações de roubo, pois a confusão toda foi associada à práticas de um amigo com quem andava, o Matias, aquele que “...andava a roubar o dinheiro da gasolina...” (VIEIRA, 2006, p. 16).

Para explicar com mais precisão essa passagem, devemos entender que esses garotos pertenciam à famílias que vinham do interior, migravam para a capital por conta de uma política comercial de Portugal. A partir disso, construiu-se uma cultura de mobilidade do meio rural para o urbano, fragmentando o homem africano na medida em que ele fosse tirado do seu respectivo contexto local para ser inserido em uma cultural nacional, a portuguesa. Dessa forma, uma vez essas pessoas na cidade grande, eram direcionadas aos piores cargos de trabalhos ou nem isso conseguiam por conta do preconceito que sofriam dos patrões: os portugueses brancos, os negros “civilizados”.

Em síntese, as representações que o autor de *Luuanda* realizam pela perspectiva exposta, demonstram uma existência e cultura de marginalização pelo silenciamento, pela opressão, criando um contexto de segregação em que os musseques seriam o local onde criminosos e trabalhadores não qualificados residiam.



Em contraponto, é interessante recuperar as reflexões produzidas a partir das análises do escritor brasileiro Aluísio Azevedo em *O cortiço*, em que há um complexo cenário cultural e social do Brasil oitocentista parecido com os musseques de Angola, estes em tempos de conflitos armados, em um contexto de luta pela conquista da independência política de Portugal. Isto é, no que tange aquela cultura de silenciamento, segregação e preconceito já mencionado.

Azevedo (2010) expõe personagens que representam dinâmicas de exclusão e preconceitos em pessoas que moravam nos cortiços do Rio de Janeiro no século XIX, caso de Bertoleza, que é explorada pelo dono do cortiço, João Romão.

De acordo com Sidney Chalhoub, os cortiços também eram espaços de opressão, igual os musseques, um exemplo disso ocorre em uma prática de “controle” de circulação que era realizada nesses ambientes, que “...deveriam ter um portão de ferro, que se fecharia ao toque de recolher; a partir dessa hora, um dos habitantes passaria a servir de porteiro, ficando com a obrigação de abrir a porta para os outros moradores e de comunicar as eventuais irregularidades ao inspetor de quarteirão” (CHALHOUB, 1996, p. 31).

Nesse sentido, o cotidiano do cortiço ajuda-nos a entender um pouco da rotina dos musseques, a partir da representação realizada por Luandino Vieira, no conto “Vovô Xaxi e o seu neto Zeca Santos”.

Para fins de orientação do que já foi exposto, é válido saber que ao norte de Angola encontra-se em abundância petróleo e diamante, o que provocou nos anos de 1950 uma crescente migração portuguesa para região, haja vista a riqueza ali presente ser maior do que a existente em Portugal. Porém, a exploração de tais recursos só aconteceria da parte da metrópole em 1961, em reação a guerra da independência, antes dessa época.

Com efeito, Angola era fornecedora de produtos têxteis para os lusitanos, fato que se ampliaria com atividade comercial e de serviços com a vinda dos portugueses. Segundo Pereira (2015), os estrangeiros que chegaram à colônia portuguesa africana somavam de 174 mil indivíduos.

Isso significa afirmar, conforme o teórico, que a partir da criação da Lei nº44.016, de 1965, foram criados atrativos para a realização de investimentos estrangeiros. Antes, em 1961, havia sido revogado o Estatuto dos Indígenas, com a Lei nº44.309, que estabelecia a plena cidadania portuguesa para todas as raças.

Dessa forma, toda essa conjectura criaria novas oportunidades de trabalho e estudo para os ex-índigenas, o crescimento econômico para os brancos africanos e redução de



trabalhadores rurais. Para estes, as guerrilhas e movimentos nacionalistas não perceberam que as atividades rurais seriam exercidas apenas pelos colonos.

Essa realidade foi entendida como “cosméticas” e isto terá consequências concretas quando o sistema colonial sair do cenário e o MPLA entrar nas cidades angolanas e não assimilarem o contexto exposto, posto a retirada de Portugal contribuir significativamente para o aumento da marginalização do angolano.

Para fins didáticos, cabe expor que a capital Luanda, fundada em 1576, tem devido os deslocados das guerras cerca de três milhões de habitantes e sofreu no processo de luta pela independência um esvaziamento de colonos portugueses em aproximadamente 340 mil habitantes, provocando a escassez de mão de obra especializada. (PEREIRA, 2015, p. 127-128). Por conta do processo de descolonização que começaria com as guerras e viria com a independência em 1974, expandiu-se um clima intelectual e político de abertura e contatos com o exterior, tais conflitos colaboraram para mudanças pontuais no espaço urbano angolano.

Nisso, ao longo do violento período da guerra anticolonial surgiam projetos políticos diversificados para a nova nação africana. Tais projetos revelavam interesses diversificadas dos grupos envolvidos nos projetos nacionalistas angolanos. Neste cenário, a crise instalada no território angolano revelava a complexidade dos movimentos anticoloniais.

Um pouco disso é explicado pelo pós Segunda Guerra Mundial, que nas palavras de José Maria Nunes Pereira, em *O paradoxo angolano, uma política em contexto de crise – 1975-1994*), configura um quadro cujas “...condições políticas mudaram na cena internacional, e as camadas urbanas africanas enveredaram em direção a autonomia e independência.” (PEREIRA, 2015, p. 150).

Tal cenário era orientado por três movimentos, o chamado Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, criado em finais das décadas de 1940, que amplia suas ações em 1950, constituído a partir de duas correntes nacionalistas: uma dos que estavam na colônia e outros no interior. Também havia membros que moravam em Portugal ou em outros países. Os outros movimentos, a Frente Nacional de Libertação de Angola – FLNA, União Nacional para Independência Total de Angola – UNITA, deram a dinâmica dos conflitos contra a metrópole e entre eles.

Diante desse quadro, os meses de confrontos não cessariam após a independência, pois mesmo antes, durante e depois da conquista da liberdade, os interesses internos já geram problemas para Portugal quando ela tinha o controle da colônia. Depois, as brigas entre os



momentos agravavam a situação da população enquanto o desemprego, fome, criminalidade e outros elementos negativos que resultariam em uma vida de marginalização, principalmente para os indivíduos que morassem nos musseques, assim expõe Marcelo Bittencourt, em *Nacionalismo, Estado e Guerra*, de 2015.

Para Fernando Mourão, em *A sociedade angolana através da literatura*, de 1978, a relação da literatura com a história de Angola está relacionada à experiência colonial e ao processo de descolonização, destacando as interligações com a história e a religião.

Assim, o regime colonial procurava, segundo Cooper “...reconquistar a iniciativa através da estabilidade, política que visava transformar a população que alternava entre diferentes empregos urbanos, pouco diferenciada e mal paga.” (COOPER, 2016, p. 108).

Em outras palavras, a exemplo das colônias de domínio inglês e francês, algumas situações nas portuguesas eram vivenciadas, tais como aquelas em que pretendia-se aos empregadores pagar salários satisfatórios para estimular a saída das famílias da zona rural e de contato mais forte com as suas respectivas raízes culturais, para as cidades, local da cultura branca e portuguesa, realidade que não era vivenciada pelos que tivessem algum tipo de associação aos membros dos grupos de resistência.

No que tange ao contexto político e social angolano, consoante Serrano & Waldman (2008):

Em Angola, o quadro político era bem mais complexo. Paralelamente ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), chefiado por Agostinho Neto com programa e orientação ideológica semelhante à dos movimentos das demais colônias portuguesas, operavam dois outros movimentos: a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), de Holden Roberto, e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), liderada por Jonas Savimbi. Diferentemente do MPLA, a FNLA e a UNITA defendiam programas pró-ocidentais, mantendo também, embora de modo não-hegemônico, certo enraizamento étnico: a FNLA como o grupo bakongo, e a UNITA, com os ovibundo (SERRANO & WALDMAN, 2008, p. 261e 262).

Por sua vez, os cortiços, bem representados no romance de Azevedo (2010), é aquele local onde se acha um pouco de todo tipo de gente, como o mendigo (Libório) que atravessa a rua como um monturo ambulante, por exemplo. A mulher que não tem vergonha de expor a sua sensualidade, mesmo que isso acarrete em “fisgar” maridos, como Rita Baiana. De acordo com Chalhoub (1996, p. 51), nesse lugar “Compreende-se desde logo o papel que representam (os personagens) na insalubridade da cidade estas habitações...”



E nessa realidade surgem cabeças sugestionadas, pigarros como uma nota integrante do grande acorde do amanhecer. Enfim, um chão de odor ordinário que vem da noite anterior, oriundo da roupa que serve de espelho da moda dos que são marginalizados.

Em suma, essas situações de contextos ajudam-nos entender que os musseques e os cortiços são por natureza locais que espelham práticas culturais de segregação social. Elas são reconhecidas na passagem descrita de Zeca Santos ao pedir comida e trabalho ao Souto, no tratamento que Bertoleza sofre de João Romão, na discriminação dada às lavadeiras que residem no cortiço.

Desse modo, no romance de Azevedo (2010) há um cenário de divisão e conflito de vários grupos sociais, praticando relações antagônicas em todos os aspectos. Igual aos musseques de Angola, os cortiços funcionam como depósito de uma excedente mão de obra livre que saiu do interior para a capital, em um tempo que houve deslocamento da produção do café para São Paulo. Como a maioria dessas pessoas não eram o suficiente qualificadas, havia como único caminho trabalhar na pedreira do João Romão para poder pagar o aluguel do quarto na estalagem daquele.

Com efeito, considerando as lacunas sobre as populações que viviam nos espaços mais pobres do território, a leitura atenta dos cortiços e dos musseques de Angola, exigem uma interpretação: na tarefa do historiador de recuperar as motivações do imaginário do autor para representar uma realidade em um determinado momento social e cultural de seu respectivo país, e na do crítico literário em entender a Literatura como a expressão que recupera o homem de seu tempo pela ficção. Em suma, para Compagnon (2010, p. 35) a literatura teria o conhecimento especial de “...compreender e regular e o comportamento humano e a vida social.”

Por conta disso, a diálogo com a literatura torna-se um caminho promissor para o entendimento das dinâmicas culturais e sociais das populações angolanas no momento de construção de suas identidades.

Maurício Silva, em *Angola e sua literatura: uma introdução à prosa de ficção*, de 2010, registra que a literatura angolana “...é a manifestação prática de uma causa revolucionária ou afirmação de identidade.” (SILVA, 2010, p. 6). O mesmo autor expõe que: “A literatura lusófona do continente africano passa por um processo de maturação, com uma produção nacionalista e independente, cujas características são o anticolonialismo, a afirmação da identidade cultural.” (SILVA, 2010, p. 7).



A partir do exame da literatura angolana e do papel desempenhado por seus escritores, escrevendo sobre os elementos que constituem a marginalização do seu povo, como a violência, o preconceito, o racismo, as condições de trabalho, é possível apreender dinâmicas culturais que marcaram esses territórios. Conforme expõe Santilli (1985):

Luandino dá a imagem da sociedade angolana em processo de simbiose ou de influências, onde traços de diferentes culturas se atritam e disputam primazias. Um desses traços, a fala, isto é, o quimbundo ou o português dialetizado, por oposição à língua, o português de Portugal, funciona também como código de identificação no conjunto de fatores que passam a caracterizar a angolanidade. (SANTILLI, 1985, p. 18)

Logo, as exposições feitas a partir historiografia sobre o processo de independência de Angola e do papel que literatura angolana desempenhou neste processo, revelam territórios africanos que significavam para Portugal um ótimo caminho para produzir riquezas pela exploração, haja vista a abundância de recursos naturais daquele país, e também justificou a vinda de lusitanos para gerenciar as atividades econômicas para a região, de um lado, e os conflitos internos, pelo controle da nação angolana após a retirada dos portugueses em consequência da conquista da independência política, de outro.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da literatura produzida na Angola está relacionada com a sua própria história da independência, que mesmo após a conquista da liberdade política vivencia um cenário de guerra até o ano de 2003<sup>3</sup>.

Conforme afirma Nicolau Sevcenko, em *Literatura como missão: tensos sociais e criação cultural na primeira República*, de 2003, a literatura enquanto fonte histórica "...é produto de seu tempo e é reflexo das condições socioculturais do meio em que os autores se inserem." (SEVCENKO, 2003, p. 29). Isso implica afirmar que os discursos desse tipo de texto são vestígios do que se passou ou passa e deixam marcas para que o pesquisador as investigue e delas possa reconstruir o entendimento sobre o homem no tempo.

Consoante Valdeci Rezende Borges, em *História e Literatura: algumas considerações*, de 2010, por sua vez, a crítica literária faz uso do saber histórico, entende-se a "...História como processo social e como disciplina, e a literatura, como uma forma de

---

<sup>3</sup> Para leituras complementares, observar as discussões sobre os procedimentos que estão inseridos sedimentos que constituem a independência política de Angola, o autor: Frederick Cooper, em *Histórias de África, Capitalismo, Modernidade e Globalização*, da editora Edições 70, 2016. Trad. Bárbara Direito.



expressão artística da sociedade possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção de conhecimento histórico." (BORGES, 2010, p. 94).

Esse entendimento nos permitiu analisar os dois textos objetos deste estudo estabelecendo confrontos de comparação que revelaram uma constante a respeito da realidade dos cortiços e musseques: eles foram organizados por um sistema econômico para manipular a mão de obra não qualificada, inserido essas pessoas a uma realidade ordinária da vida urbana, cujo principal elemento caracterizador é o descaso e a consequência disso é a segregação.

Diante do exposto, pode-se apreender que a exposição dos objetos de estudos utilizados permitem a interpretação dos musseques e cortiços como o reflexo do pensamento de que o texto literário possui a função de inquietar o leitor, de mostrar pela ficção um realidade que muitas vezes não se deseja enxergar.

Como o mencionado, o cenário do conto de Vieira (2006) escolhido e o de Azevedo (2010), expõem interesses econômicos que visam apenas o lucro e violentam a identidades das pessoas envolvidas em um relação de poder que subjagam a mão de obra e os limitam a uma vida de alienações, manipulam o senso de realidade em que aquelas estão inseridas, tudo isso constitui a natureza do quadro que forma a segregação nesses ambientes.

Em síntese este estudo sob o amparo dos estudos comparados é um meio e não um fim, ele tenta abrir clareiras em um contexto vasto de definições sobre possíveis causas da segregação nos cortiços e musseques apresentados em Azevedo (2010) e Vieira (2006), respectivamente. Logo, temos a consciência de que o caminho interpretado não é uma caracterização absoluta, mas o emprego de uma leitura possível das consequências ou efeitos dos sedimentos que criam práticas culturais desse cenário de exclusão ainda presentes no século XXI, na Angola no início da década de 1960.



## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 3ª ed. São Paulo: FTD, 2010.
- BITTENCOURT, Marcelo. “Nacionalismo, Estado e Guerra”. In. **FERRERAS, Norberto O. (Org.). As tradições nacional-estatistas no Brasil, na América Latina e África**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.
- BORGES, V. R. “História e Literatura: algumas considerações”. In. **Revista de Teoria da História**. n. 3. ano. 1. jun, 2010.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COOPER, Frederick. **Histórias de África, Capitalismo, Modernidade e Globalização**. Lisboa: Edições 70, 2016. Trad. Bárbara Direito.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. Trad. Clemente Pães Barreto Mourão; Consuelo Fontes Santiago.
- GRECCO, G. de L. “História e Literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação”. In. **Revista Historiador**. n.7 ano.7 jan, 2015.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990
- MOURÃO, Esmeraldina Blanco. **Mulheres e menores no trabalho industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital**. Rio Grande do Sul: Editora Vozes, 2009.
- MACEDO, Tânia. **Luanda, Cidade e Literatura**. São Paulo-Luanda: Editora UNESCO/NZILA, 2008.
- PEREIRA, José Maria Nunes. A importância de Angola no continente. In. **Paradoxo angolano, uma política externa em contexto de crise.(1975-1994)**. São Paulo: Editora Kilombelembe, 2015.
- SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias Africanas: História e Antologia**. São Paulo: Ática, 1985.
- SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória d’África – a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- VIEIRA, José Luandino. **Luuanda**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.



### OBRAS CONSULTADAS

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **A sociedade angolana através da literatura.** São Paulo: Ática, 1978.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras da ficção:** Diálogos da História com a Literatura. XX Simpósio Nacional da ANPUH, Florianópolis-SC, julho de 1999. pp. 819-831.

\_\_\_\_\_. **História & História Cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica,  
2004.

SALVES, Guadalupe Estrelita dos Santos Menta. **O engajamento no conto africano.** Santa Catarina: UNED-CP, 2002.

SCHMIDT, S. P. “Sobre favelas e musseques”. In. **Revista IPOTESI,** Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 207-214, jul./dez.2010.